

Diário de campo no Webdesign: jornalismo, subjetividade e meio ambiente em Guaratiba-RJ¹

Ana Cecília Antunes Lima²
Isabela Lima Santos da Silva³
Sophia dos Santos Rosa Salles Cunha⁴
Ribamar José de Oliveira Junior⁵
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Resumo

Este artigo tem como objetivo principal refletir sobre o diário de campo na construção da pauta jornalística a partir do Webdesign. Dessa forma, realizamos uma análise de conteúdo da Grande Reportagem Multimídia (GRM) “Guaratiba 60 graus”, produzida na plataforma *Shorthand*, pelas alunas de Jornalismo Ana Cecília Antunes, Isabela Lima, Rafaella Menegale e Sophia Cunha, na disciplina de Webdesign da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ao considerarmos que o diário de campo da pauta ambiental também tece relação entre o Jornalismo Digital e o Webdesign, defendemos que a subjetividade pode expandir as ideias de *long form* por meio de um texto-paisagem jornalístico.

Palavras-chave: webdesign; jornalismo digital; guaratiba; jornalismo ambiental; diário de campo.

Por um jornalismo de subjetividade no Webdesign

Ao tomarmos o princípio da lúca elaborado por Williams (1995), quando a autora explica que nomear algo significa estar consciente deste algo, buscamos no processo de apuração da Grande Reportagem Multimídia (GRM) relacionar Webdesign e o estilo *long form* através da sensibilidade no Jornalismo Digital. Para isso, refletimos sobre a experiência com a reportagem “Guaratiba 60 graus”⁶ produzida pelas repórteres Ana Cecília Antunes, Isabela Lima, Rafaella Menegale e Sophia Cunha. Exploramos o diário de campo na sua potencialidade sensível de contribuir para um jornalismo de subjetividade a partir do design da pauta. Afinal, ao nível de apuração jornalística, como o Webdesign pode orientar a criação da reportagem desde o caderno de anotações do

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: ana.lima@discente.eco.ufrj.br.

³ Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: isabela.silva@discente.eco.ufrj.br.

⁴ Estudante do 5º período do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: sophia.cunha@discente.eco.ufrj.br.

⁵ Professor do curso de Jornalismo da ECO-UFRJ, email: ribamar.junior@eco.ufrj.br.

⁶ Guaratiba 60 graus. Disponível em: <<https://preview.shorthand.com/WqEJLi75QNWqwrw0/responsive/desktop>>
Acesso em: 16 de abr. de 2025.

repórter? Se para Téchkov (2007) a escrita é como um modo de vida, a reportagem pode ser vista como uma tentativa estética de acompanhamento da subjetividade da pauta, principalmente, na tessitura de texto sensorial entre entrevistados, números e lugares.

Nesse caso, exercitamos esses debates na disciplina de Webdesign, ministrada pelo professor Ribamar Oliveira, no curso de Jornalismo da Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e expandimos a discussão para um olhar mais analítico. Através da plataforma *Shorthand*, desenvolvemos o trabalho final em uma reportagem online, tomando como horizonte a provocação de Longhi e Winkes (2015) sobre o *long form* no webjornalismo, de como esse fenômeno se dá e como está sendo lido. Não queremos com isso dizer que a reportagem “Guaratiba 60 graus” seja um exemplo que representativamente abarca as dimensões classificativas tanto do *long form*, como dos princípios do Webdesign. Pelo contrário, utilizamos a análise de conteúdo (Bardin, 2016) da nossa reportagem como um tipo de exercício criativo das capacidades de expansão narrativa e seus modos de engajamento (Murray, 2003). “O texto *longform* encontra no webjornalismo e na grande reportagem multimídia um terreno fértil para consolidar suas características relativas às diferentes formas de apresentar as narrativas longas (...)” (Longhi; Winkes, 2015, p. 124).

Portanto, consideramos imprescindível aproximar o jornalismo de subjetividade em Moraes (2019) do *longform* no webjornalismo, sobretudo, por ser um instrumento que subverte critérios de noticiabilidade e que pode também romper com critérios do design na ampliação de novas representações. “Há algo de muito errado em uma prática jornalística que não absorve os movimentos a sua volta em nome de uma ‘isenção’” (Moraes, 2019, p. 217). Portanto, voltamos ao princípio de classificar para compreender, não seria a absorção desses movimentos um gesto jornalístico para nomear outros lugares do repórter no redesign da experiência da pauta e das trocas informacionais da apuração?

A pauta desde o diário de campo

Em meio às ondas de calor registradas no Rio de Janeiro em 2024, nasce uma inquietação: qual o lugar e a minoria que mais sofre com as altas temperaturas no

estado? Em busca de respostas, lemos diversas matérias sobre o recorde de sensação térmica, duas vezes na mesma semana, em Guaratiba, na Zona Oeste da cidade. Nas reportagens, percebemos uma lacuna no debate sobre justiça climática nesse território e, a partir disso, nos questionamos: qual o grupo local mais afetado e por quê? “O conceito de ‘justiça climática’ surge como um desdobramento do paradigma da ‘justiça ambiental’ e da percepção de que os impactos das mudanças climáticas atingem de forma e intensidade diferentes grupos sociais distintos” (Milanez; Fonseca, 2010, p. 93). Com isso, os autores reforçam que essa desigualdade se relaciona ao lugar em que esses grupos moram que, por sua vez, estão associados a condições precárias e ausência de direitos básicos.

Baseadas nesse conceito e no Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC-ONU), intitulado “Mudanças Climáticas 2022: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade”⁷, confirmamos a crença de que as intersecções de classe e de raça são fatores importantes na análise dos riscos e impactos climáticos, a partir da leitura do capítulo 8 “Pobreza, Meios de Subsistência e Desenvolvimento Sustentável”. A princípio, queríamos escrever sobre os efeitos dos 60 graus na pele — e na vida — de pessoas em situação de rua. Nossa hipótese, com base em um breve levantamento bibliográfico, é de que este era o grupo mais vulnerável de Guaratiba.

A invisibilidade dessa população, que já tínhamos notado nas matérias, ressurgiu nos documentos oficiais. No “Protocolo de Enfrentamento ao Calor Extremo”⁸, lançado pela Prefeitura do Rio de Janeiro nessa época, a população em situação de rua era citada. Mas, as recomendações para lidar com as altas temperaturas não eram acessíveis ao grupo. Hidratação, alimentação adequada e ambientes refrigerados eram utopias. Tendo em vista essa negligência pública, desejávamos usar nossa pauta como uma arma de combate e como uma estratégia de defesa de direitos já protocolados (Moraes, 2022).

Além do âmbito do poder municipal, expandimos a pauta para o cenário da Cúpula de Líderes do G20, que acontecia na cidade com discussões urgentes sobre as questões climáticas. Pensamos, então, nossa reportagem a partir dos Objetivos de

⁷ Mudanças Climáticas 2022: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade. Disponível em: <<https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-ii/>>. Acesso em 09 de junho de 2025

⁸ Protocolo de Enfrentamento ao Calor Extremo. Disponível em: <<https://saude.prefeitura.rio/protocolo-de-calor/>>. Acesso em 09 de junho de 2025

Desenvolvimento Sustentável, elaborados pela Organização das Nações Unidas (ONU) na “Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”⁹. Eram eles: “Saúde e bem estar”; “Reduzir as desigualdades”; “Cidades e comunidades sustentáveis”; “Ação contra a mudança climática global”; e “Vida submarina”. Afinal, Guaratiba está inserida em um contexto de crise global e, mais especificamente, de desigualdade na América do Sul.

O processo de apuração se deu de forma lenta e com obstáculos. A busca por entrevistados foi trabalhosa, principalmente no agendamento das entrevistas. Imagine um caderno com várias datas escritas, rasuradas e sobrepostas: é difícil conciliar a rotina de quatro pessoas com vidas diferentes, com os horários de especialistas e de instituições públicas. A exemplo disso, foram inúmeras tentativas frustradas de contato com a Secretaria Municipal do Ambiente e Clima (SMAC). Ainda assim, tivemos conversas elucidativas a respeito das condições que propiciam as altas temperaturas na Zona Oeste do Rio e sobre adaptação climática nas cidades, com o geógrafo Andrews Lucena e a pesquisadora Denise Duarte, respectivamente.

Mas o conhecimento acadêmico não bastava para a construção de uma reportagem imersiva. Para Bueno (2007, p. 43-44), o jornalismo deve ir além das fontes oficiais. Era preciso apurar a pauta em Guaratiba e transmitir essas sensações para o público leitor. Sentir a temperatura, ver as paisagens, ouvir os sons e conhecer as pessoas. Nosso destino era o Píer da Praia de Pedra de Guaratiba. No início da apuração, ainda em conversas informais com colegas da ECO, ouvimos que esse era um lugar frequentado por pessoas em situação de rua. Durante o trajeto, reparávamos nas vias e nas calçadas. Não havia ninguém. Ao chegar no píer, o cenário era o mesmo.

De certa forma, estávamos preparadas para isso. Francielly Santos e Arthur Calçada são assistentes administrativos da ONG Casa de Vó, sediada em Pedra de Guaratiba. Em entrevista, disseram que existe uma população desabrigada no bairro, mas a maioria se desloca para outras regiões a fim de trabalhar coletando latinhas, por exemplo. Perguntamos a transeuntes na praia se era comum ver pessoas em situação de rua por perto e tivemos respostas negativas. Caminhando sobre as tábuas instáveis do píer, fotografamos e filmamos tudo que nosso olhar alcançava. O solo, onde o píer

⁹ Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustent%C3%A1vel>> Acesso em: 16 de abr. de 2025

estava fíncado, era lamacento e rachado. No céu, o sol brilhava. Os raios incidiam intensamente sobre a pele. O incômodo foi suficiente para que uma das repórteres abrisse uma sombrinha. Por vezes, outras integrantes se abrigaram sob a mesma.

Fotografia 1 – Guaratiba é uma palavra de origem tupinambá que significa “lugar onde há grande quantidade de garças”¹⁰



Fonte: Sophia Cunha (arquivo pessoal)

Olhando atentamente para o horizonte, vemos pescadores no mar raso. Não usavam chapéus nem tinham sombra para se abrigar. Foi nesse momento em que decidimos entrevistar pessoas que trabalham ao ar livre. A Colônia Z14 fica perto da orla e estava de portas abertas. Em uma das paredes da sede, está pendurado um quadro de São Pedro, santo padroeiro dos pescadores. Não há muito mais que um bebedouro e uma bancada lá dentro. Luiza Fernanda Ribeiro, administradora da associação, explicou que o local passaria por uma reforma em breve. Ela e Alexander Correa, pescador que estava prestes a partir quando entramos, nos mostraram os detalhes do cotidiano dos trabalhadores do mar.

A poluição é uma das maiores preocupações. Tudo o que acontece no oceano afeta a atividade pesqueira, em especial, a coleta de mariscos. Esses animais funcionam como filtros, capturando poluentes. O consumo não é recomendado quando as águas estão comprometidas por resíduos. Mesmo sofrendo com as altas temperaturas e com a incidência dos raios solares na pele, os pescadores não têm o hábito de usar protetor

¹⁰ BIBLIOTECA NACIONAL. Rio 450 anos: bairros do Rio – Região de Guaratiba. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/08/rio-450-anos-bairros-rio-regiao-guaratiba>. Acesso em: 19 jun. 2025.

solar. Alexander diz que o produto não resistiria à água salgada. Apesar de todas as especificidades, há um ponto em que nossas vivências se aproximam: “A prefeitura fala como você deve proceder [diante do calor extremo]? É, a mesma coisa somos nós, entendeu?”, diz ele.

A colônia de onde parte seu barco arrecada verba para projetos institucionais por meio de editais de compensação ambiental. Segundo Luiza, um dos investimentos foi a restauração da antiga fábrica de gelo da sede. A água congelada também foi um dos elementos que moveu nossa passagem por Guaratiba. Logo que chegamos, presenciamos uma discussão entre dois funcionários de uma peixaria, porque um deles teria deixado o frigorífico aberto. Em um bairro conhecido pela venda de pescados e pelas altas temperaturas, a conservação dessas mercadorias é fundamental. No Mercado do Peixe, Paulo e Clara revelaram que, em períodos de muito calor, precisam comprar o dobro de gelo. Não contam com a Colônia Z14 como fornecedora, dado que, segundo os comerciantes, a fábrica nunca voltou a funcionar.

No dia em que houve o recorde de sensação térmica, o garçom do “Rei da Empada” pôs um balde de gelo na frente de um ventilador para amenizar a temperatura do restaurante. Conseguimos contar ao menos oito ventiladores no local. Assim como a maioria dos estabelecimentos próximos ao Píer, o espaço não tem ar-condicionado. Além de empada e pastel, compramos água com frequência devido ao calor.

O almoço, por sua vez, foi preparado na Casa da Paella. Enquanto aguardávamos nossos pratos, refletimos sobre o material que tínhamos até então. As fotos e os vídeos pareciam suficientes. Já havíamos entrevistado dois potenciais personagens para ilustrar nossa história: Alexander Correa e Daniel Freire, um gari que trabalha nas ruas de Pedra de Guaratiba buscando sombras debaixo das árvores para fugir do sol.

A dúvida sobre ir atrás ou não de mais uma entrevista cessou na sobremesa. Fabrícia Resende vende doces, caminhando entre a comunidade do Piraquê e a praia. Sentada à nossa mesa na Casa da Paella, ela contou os sintomas gerados pela exposição ao sol e ao calor no transporte público. Pele irritada, dores de cabeça e tontura fazem parte do seu cotidiano. Depois que partimos de Pedra de Guaratiba, fizemos mais duas paradas. A primeira foi a Conferência Municipal do Meio Ambiente e Mudança do Clima do Rio de Janeiro de 2024, onde ouvimos ativistas da causa. Na segunda,

acompanhamos voluntários da ONG Casa de Vó em seu trajeto pela Zona Oeste com o intuito de entender melhor o impacto das altas temperaturas na vida de quem está em situação de rua.

Guaratiba 60 graus: uma reportagem ambiental em plataforma

Para Bueno (2007, p. 36), “a pauta ambiental é essencialmente comprometida”, o que se relaciona com a ideia de Moraes (2022) sobre o processo de noticiar. Acompanhando essa ideia, a contextualização e a investigação das altas temperaturas serviram como norte da nossa produção. Nos jornais locais do Rio de Janeiro, são corriqueiras matérias que relacionam o calor a, por exemplo, pessoas se divertindo ao ar livre e às praias cheias, sem explicar o real motivo da sensação escaldante. Como resistência a esse modelo já conhecido, procuramos deixar claro o causador do mormaço: o aquecimento global, acionado pelo homem e acelerado sistematicamente. “A pauta ambiental é sempre complexa porque não se reduz a uma instância meramente técnica ou científica, mas agrega uma perspectiva econômica, uma vontade (ou falta de vontade) política, uma componente sócio-cultural (...)” (Bueno, 2007, p. 38).

Segundo Luft (2015), é importante entender que as mudanças climáticas são parte de uma transformação no meio ambiente que emerge com mais força a partir de 1970, mas que tem suas particularidades a depender da região. Com essa noção, procuramos apreender as singularidades de Guaratiba que, muitas vezes, têm características que vão contra o senso comum, como contrariar a ideia de que locais mais úmidos e perto do mar seriam mais frescos.

Também foi importante a transcendência da “visão reducionista do binômio fauna e flora” (Luft, 2015, p. 47) na construção da matéria. Por esse motivo, relacionamos a mudança no clima com as relações sociais. De acordo com Krenak (2019), a natureza não deve ser vista como separada da humanidade. Essa é uma concepção trazida pela tradição filosófica eurocêntrica e antropocêntrica, que cada vez mais tenta nos separar de nossa relação com a terra e seus elementos. Ao nos pensar como uma unidade, na esteira do filósofo indígena, é possível perceber como nós impactamos a natureza e somos impactados por ela. Nesse sentido, a reportagem também cumpre uma função pedagógica, fundamental à pauta ambiental, de acordo com Bueno (2007, p. 42). Buscamos superar a “vitrine em verde reluzente” (Schwabb, 2018,

p. 75) posta nos jornais que costumam tratar majoritariamente de assuntos da agenda verde, como as mudanças climáticas, e ampliar para as agendas marrom, ao abordar o planejamento urbano, e a azul, ao tratar do mar.

Figura 2 – Texto em formato de peixe



Fonte: Rafaella Menegale

Nosso processo de escrita nasceu antes do texto. Durante a ida para Guaratiba, ao conhecer os três principais personagens da reportagem, determinamos os grandes blocos temáticos que nos norteariam: o sol, a terra e o mar. Essa divisão considerou o conceito de proximidade (Williams, 1995, p. 15), já que distribuimos as fontes entrevistadas de acordo com o grau de afinidade que cada uma tinha com o elemento natural escolhido.

Para além de uma mera forma de decoração e organização do texto, esses blocos mudaram nossos ângulos de apuração. Por exemplo, durante as entrevistas, acrescentamos perguntas que remetessem a esses elementos, como: “Já teve insolação?” ou “Você acha que dentro do mar a sensação térmica é pior que na rua?”. Além da proximidade, usamos outras técnicas visuais como alinhamento, repetição e contraste (Williams, 1995, p. 14) para fornecer uma leitura mais focada e eficiente.

A plataforma Shorthand também foi determinante para a transposição do texto para a tela. Assim como o meio ambiente tem um sistema de relações que o move, pensamos em estabelecer um elo entre o usuário da plataforma, o conteúdo em si e, o mais importante, o contexto da reportagem. Por isso, a escolha por uma arquitetura da informação “Não-Linear” (Rich, 1998 *apud* Canavilhas, 2014, p. 10-11), típica do

virtual. Começamos com um parágrafo narrativo, inspiradas em um jornalismo literário e sensorial.

Esse início se desdobrou em blocos temáticos que também continham blocos informativos. Com uma multiplicidade de mídias em convergência (Jenkins, 2009), convocamos os leitores a flutuar entre links, imagens e áudios na fruição do conteúdo, sobretudo, para aumentar os níveis de informação e provocar maior interação com o produto jornalístico. Outra preocupação foi com a usabilidade da reportagem em diferentes dispositivos. Entendemos que os parágrafos não deveriam ser tão grandes, pois ao serem abertos no celular poderiam gerar blocos de texto muito extensos.

Considerações finais

Uma boa pauta ambiental, para Bueno (2007), propõe soluções profundas para problemas complexos. Diante disso, a reportagem analisada traz algumas propostas sutis, por meio da fala dos entrevistados, mas não se debruça tanto no chamado “*solution journalism*”. De certa forma, “Guaratiba 60 graus” se limita à plataforma escolhida e ao que pode ser um trabalho prático de uma disciplina da graduação. Porém, acreditamos que ideias melhoram quando a exercitamos e não há repórter sem experiência por vir. Nesse sentido, se não tivéssemos nos preocupado com o planejamento visual da pauta, talvez não teríamos chegado às conclusões que nos levaram a procurar nossas fontes e, assim, a matéria perderia níveis de subjetividade no design e durante a apuração. Defendemos, portanto, que há um jornalismo de subjetividade (Moraes, 2019) que possibilita o Webdesign se relacionar afetivamente com o Jornalismo Digital. O *long form* aqui pode ser um caminho do próprio diário de campo em sua capacidade de reinvenção e de convergência enquanto formato no contexto online. Afinal, a Guaratiba que conhecemos continua lá e permanece através de um texto que se faz paisagem que conta mais uma história.

Referências

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BUENO, W. C. **Comunicação, Jornalismo e Meio Ambiente**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007.

CANAVILHAS, J. (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: LabCom/UBI, 2014, p. 3-25.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LONGHI, R. R.; WINQUES, K. O lugar do *longform* no jornalismo online. Qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. **Brazilian journalism research**, v. 11, n. 1, p. 110-127, 2015.

LUFT, M. S. **Jornalismo Ambiental na Amazônia**: as fontes de informação na cobertura dos desmatamentos no jornal O Liberal do Pará. Curitiba: CRV, 2015.

MILANEZ, B.; FONSECA, I. F. Justiça climática e eventos climáticos extremos: o caso das enchentes no Brasil. **Boletim Regional, Urbano e Ambiental (IPEA)**, v. 4, p. 93-101, 2010.

MORAES, F. **A pauta é uma arma de combate**: Subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MORAES, F. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. **Extraprensa**, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019

MURRAY, J. H. **Hamlet no holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultura/UNESP, 2003.

SCHWAAB, R. T. Jornalismo, ambiente e reportagem ampliada. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloise Beling; BELMONTE, Roberto Villar. **Jornalismo ambiental**: teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 69–85.

VENTURA, M.; ITO, L. Inovação no jornalismo brasileiro: o caso das reportagens multimídia TAB, do Uol. **Revista Comunicação & Inovação**, v. 17, n. 35, p.121-134, nov. 2016.

TCHÉKHOV, A. **Um bom par de sapatos e um caderno de anotações**: como fazer uma reportagem. São Paulo: Martins, 2007.

WILLIAMS, R. **Design para quem não é designer**: noções básicas de planejamento visual. São Paulo: Callis, 1995.